

Crise Pandémica: Quem sou eu neste novo mundo?

Quem sou eu neste novo mundo? Uma pergunta retórica que nos faz pensar que papel temos enquanto cidadãos no contexto atual. Cada um tem um papel ativo, apenas tem de o descobrir.

A folhagem tem um papel ativo e essencial na planta a que pertence. As folhas de uma planta também têm vindo a adaptar-se às alterações do seu habitat que ocorrem devido às alterações climáticas de modo a sobreviverem. O ser humano de uma sociedade também tem vindo a adaptar-se às alterações no seu modo de vida que ocorrem devido à crise pandémica de modo a sobreviver.

Com o objetivo de uma planta se desenvolver vitoriosamente é necessário que realize fotossíntese. Uma só folha não é capaz de realizar fotossíntese para a planta toda, mas todas as folhas em conjunto são bem-sucedidas nesta tarefa.

Todos sabemos como uma sociedade opera. A corrupção e a busca constante pelo poder dos ambiciosos leva a que a base da pirâmide social deva estar “(...) quanto mais longe (...) tanto melhor: trato e familiaridade com eles, Deus vos livre!” (Padre António Vieira). A crise pandémica mostrou-nos que estamos perdidos e não estamos preparados para este desafio. Ficamos desprovidos de afetos, deixamos de ver parte da face das pessoas devido à máscara e por isso passamos a ter de ler emoções apenas nos olhos.

Como é que vamos ultrapassar esta barreira que construímos quase sem nos apercebermos entre nós e os outros? Que cicatrizes iremos deixar na humanidade?

As crianças que estão a passar pela infância em plena pandemia sofrem por não poder vivê-la plenamente, não podendo dar um abraço espontâneo ao amigo ou partilhar um brinquedo com este. As relações com os mais idosos ficaram seriamente afetadas pelo medo que os mais jovens têm de infetá-los, levando a consequências como a depressão e o agravamento do estado clínico destes.

Até agora, não conseguimos dar a volta a esta segunda crise, uma crise da afetividade humana. De modo a conseguirmos fazê-lo é necessário mudar urgentemente. Podemos começar por deixar de usar a humanidade como um meio e passar a usá-la, sempre e simultaneamente como um fim (Kant), não sacrificando a autonomia e as relações das pessoas para combater esta pandemia. Não é tarefa fácil e precisamos de orientação para o conseguir. No entanto, considerando que nem os nossos líderes sabem como agir, porque estão perdidos, precisamos de encontrar um novo rumo. Precisamos de uma bússola se queremos encontrar o caminho certo a percorrer. Iremos encontrar pedras pelo

caminho que não saberemos como ultrapassar porque esta situação é nova. Por isso, precisamos de nos ajudar e apoiar uns aos outros de modo a descobrir, no final, que papel desempenhamos na peça que representa a vida.

Madre Teresa de Calcutá dedicou a sua vida a servir os mais necessitados pois descobriu que este era o seu papel. Devemos guiar-nos por pessoas que fizeram o bem e seguir o seu exemplo.

Podemos tornar a descoberta do nosso papel na sociedade algo apaixonante e que nos completa se rompermos com o conformismo, o pessimismo e a indiferença e procurarmos a felicidade, a verdadeira, aquela que se goza na procura constante de sermos inteiros em tudo o que fazemos. Esta busca de felicidade não é um egoísmo porque cada um de nós vive e edifica-se nas e pelas relações que vai construído. Assim, maximizar a minha felicidade é maximizar imparcialmente a felicidade do conjunto dos afetados (Mill), não esquecendo as minorias. O véu da ignorância de Rawls ajuda-nos nesta tarefa com a sua “amnésia seletiva”, levando-nos a ser imparciais e efetivamente empenhados no bem comum aquando da descoberta do nosso papel na sociedade e consequente descoberta de quem somos neste novo mundo. E quem seremos? Alguém com coragem para superar o medo de existir neste contexto de pandemia; alguém que persiste em procurar o bem e a justiça e não desiste de ser feliz nas circunstâncias que lhe foram dadas para viver.

Triângulo Invertido